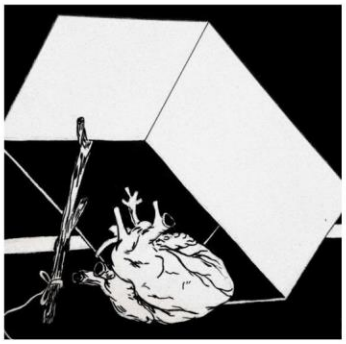
REVISTA

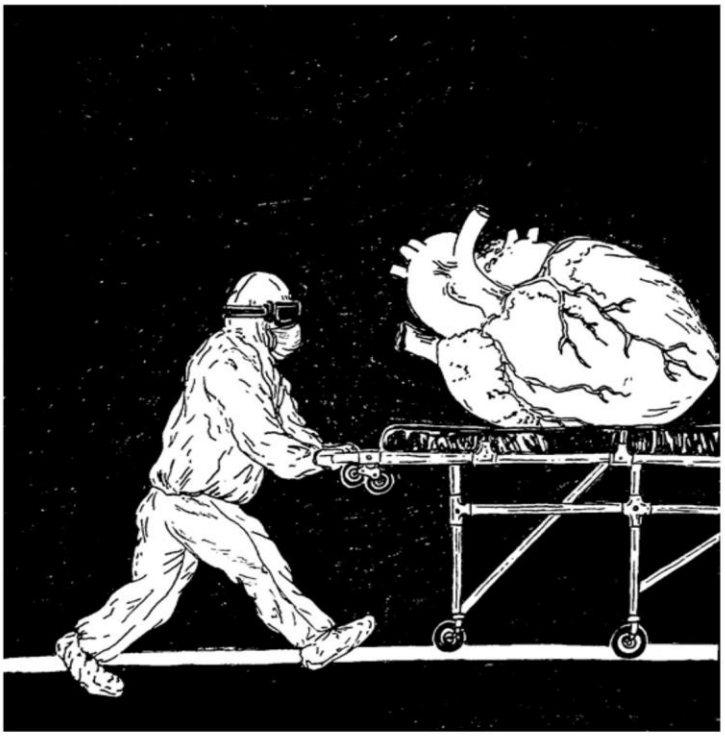
CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS
VOL. 07, Nº 01 - 1º SEMESTRE - 2022

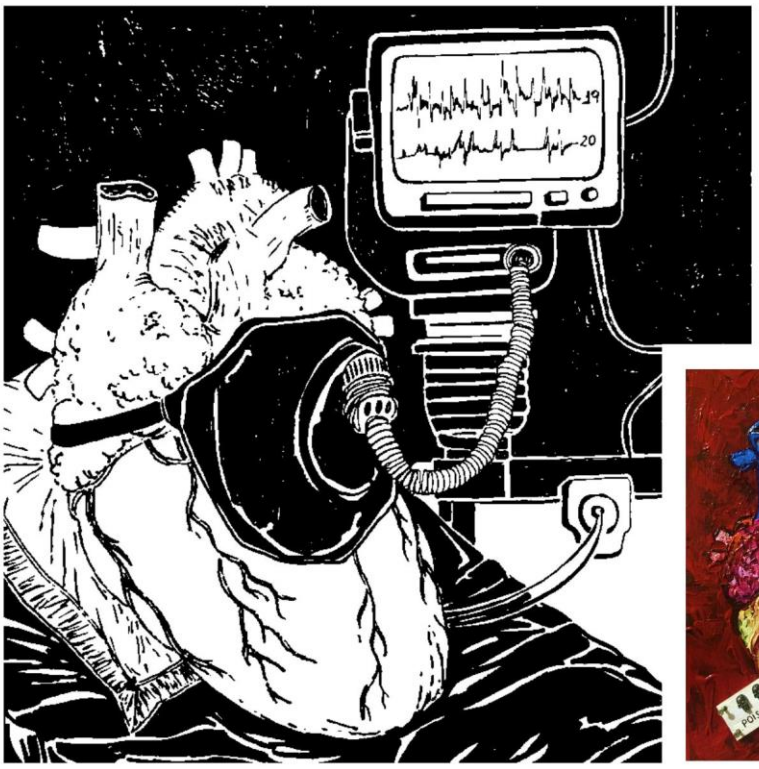
ISSN 2448-1793

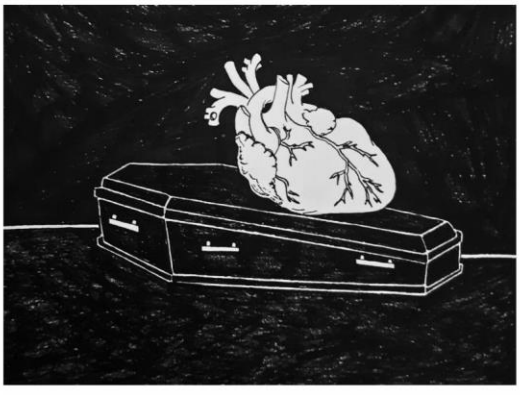
NÓS

DOSSIÊ
Epidemias no Brasil
cultura e estética das doenças









ISSN 2448-1793
REVISTA
Cultura, Estética & Linguagens

Processos de Criação

MATULA GENEALÓGICA

Matula genealógica

QUARAR O LEMBRADO NO SOL

BRIGHTEN THE REMEMBERED IN THE SUN

https://doi.org/10.5281/zenodo.6958115

Envio: 22/11/2021 ◆ Aceite: 04/03/2022

Davidson José Martins Xavier

Davidson é nortemineiro, e de vez em quando esquece as palavras e as substitui por palavras criadas em um idioma inventado próprio. É mestrando no Programa de Pós Graduação em Artes da Cena PPGAC/UFG, bolsista FAPEG. Estudante no NuPAA/FAV/UFG tem procurado por uma dança ínfima, encontrando neste caminho uma narração de si através de uma dança que surge de uma pesquisa memorial cinestésica.

RESUMO:

Está crônica é um texto autoficcional do autor que acompanha um ensaio fotográfico chamado Matula Genealógica. Este texto é parte de uma pesquisa poética do artista que visa encontrar um mito-guia-geraizeiro que é evocado por escritas autoficcionais, poemas e frases norteadoras. Esta metodologia autoficciográfica é uma forma de f(r)iccionar a realidade e a ficção, o real e o irreal e o possível e o impossível.

PALAVRAS-CHAVE: Geraizeiro; Crônica; Mito-guia; F(r)icção

ABSTRACT:

This chronicle is an autofictional text by the author that accompanies a photographic essay called *Matula Genealógica*. This text is part of the artist's poetic research that aims to find a myth-guide-geraizeiro that is evoked by autofictional writings, poems and guiding phrases. This autoficciographic methodology is a way of f(r)icting reality and fiction, the real and the unreal and the possible and the impossible.

KEYWORDS: Geraizeiro; Chronicle; Guiding myth; F(r)iction.

Observar coisas velhas, que foram guardadas por muito tempo, ocasionalmente deixa pessoas entorpecidas. Havia um lugar no quarto, lugar que nem ela mesmo sabia qual era, que encontrávamos os lembrados.

Esse era o nome que ela dava a camisa azul claro do pai, a blusa de estampa duvidosa da mãe, e uma outra série de coisas: A faca pequena de cortar fumo que o pai levava para todo canto, umas fotos antigas, negativos de monóculos, que para ver tinha que fechar um olho, a lembrança desbotada da visita à Bom Jesus da Lapa, o casaquinho de recém-nascido que passou como herança para todos os corpos nascidos desta família depois de mim. E uma caixa, com um umbigo caído, pedaços de velas de aniversário e uma pequena chave.

Sempre que os lembrados apareciam, em alguma faxina, na busca por algum exame antigo, ou simplesmente por nostalgia, ficava horas debruçadas por estes pertences que se desfazem a cada manipulação.

Desatinou a desejar rever o lugar onde viveu, uma fazenda antiga, às margens da rodagem de nome Requeijão. Lugar onde a família pura, crescia no meio do mato. Meu avô era caseiro da fazenda, moravam mais distante da sede, onde em uma casinha simples de pau a pique criava as filhas. A avó

perdera ali três filhos, meus tios, e acostumada ao sofrimento, organizou um pequeno cemitério para os filhos natimortos.

O desejo principal era retornar neste lugar, rever o que restará da casa velha, prestar homenagem no pequeno cemitério e ver o lago. Partimos então cedo, para chegarmos na fazenda que tinha cancela alguns quilômetros antes da entrada da cidade. Não era longe, depois de entrarmos na rodovia, contava-se pouco mais que 40 minutos e já observava a cidade e um velho posto de gasolina.

- Onde estamos?

- Chegamos.

- Onde? Na cidade? Não! A fazenda era antes.

Ela não viu a entrada, se perdeu em árvores tortuosas, em placas de trânsito e em poucos caminhões. Não percebeu o tempo passar, e se distraiu com a conversa aleatória que ocorria no carro.

- Vamos voltar, vou achar.

- Vou perguntar pro frentista onde é.

Eram reverberações do pequeno trecho de terra que ecoavam na cabeça, A vibração do pequeno trecho aguado pela represa, onde se quarava de sol, e que ressoava vazios. De rota refeita, encontramos. Encontramos porteira fechada. A sombra da orelha de nego dava um alento, pois o tempo perdido no posto de gasolina nos deu um sol das 10 horas que propicia epifanias.

- Ô de dentro. Palmas. Um assobio.

- A sede é essa mãe?

- É. Moravam aqui na época uma família. Pai, mãe e dois filhos. Eles cuidavam dos porcos e levavam o gado para beber água no tanque perto de casa.

Um velho senhor preto veio andando em uma pressa de quem não tem compromissos. Depois de explicado os motivos, desejos e alucinações, o senhor deixou-nos entrar:

- Mas não tem nada lá hoje mais não.

- Há de ter. Minha mãe já lhe disse essa frase de costas, como se nem escutasse mais realidades. Percebeu a cancela fechada, pulou a porteira. Queria de volta a família que estava ali, presa as maliças e espinhos, junto a uma cerca de arame farpado. Eram mistérios desvendados em cada conta do terço que a mão direita manipulava. Na esquerda ela empunhava uma sombrinha que a cada passo se enganchava no mato espinhoso.

Como o velho preto disse, nada havia ali. Somente a vontade da minha mãe de chegar a tempo para ver ainda a casa de pé. Os passos rápidos ecoando no vazio, queriam dobrar o tempo, como se de alguma forma o relógio voltasse para trás.

- O tanque era por aqui. Água limpinha, com umas plantas aquáticas. Nossa casa era próxima, tão próxima que se chovesse muito, perigava inundar. Mas nunca aconteceu! Só chegava mesmo era no galinheiro. A gente pegava os juncos da beira e deixava secar pra fazer uma vassoura e varrer ao redor da casa, os sabugos de milho viravam bonecas. Eram antepassadas das bonecas abayomi, presa na memória, fora da caixa de lembrados.

Em alguns passos e conversas chegamos ao tanque. Um cheiro de podridão nos recebeu, um chão barrento pisado por bois dificultava chegarmos mais perto do boi morto. A carcaça estava um pouco mais a frente, aprendi aqui que a lama pode prender corpos. Este ficou ali, agonizou de fome, até que desistiu da vida. A cabeça estava estranhamente posicionada pra esquerda, como numa tentativa de se soltar, ou se proteger

do sol, ou numa tentativa de entrar no lamaçal de vez. Se contorceu numa ânsia de retornar ao ctônico da existência.

Prosseguimos, andando pelo mato de maliças espinhosas, que guardavam agora todo o tanque. Protegiam nenhuma água límpida, nenhuma planta aquática. O lugar levava a mãe pela mão, e ela narcísica se olhava em espelhos.

- O que olhar num lugar como este? A marca dos pés dos outros a sua frente, as coisas do chão: pedras, ossos, ocos de paus? O reflexo do espelho de mãe mostrando uma direção?

Abaixei para pegar um quartzo branco jogado ali. Era comum usar esse tipo de material para fazer estradas. Estes pedregulhos, patrolados na rodagem, faziam a estranha mesmo lamacenta, mais trafegável. Guardei o cristal no bolso, quando chegamos a um velho cocho.

Demora-se para ver o brilho em coisas deixadas a ermo, é um exercício similar à observação de lembrados. A diferença é que decifrar o que não se viu faz do trabalho um lugar de encontro de poesia. Como um espelho, como um cristal que em algum momento transpassa a luz, o velho cocho dava dicas para olhos espertos.

- Se o cocho está aqui, a casa deve ser por lá.

Olhei o celular e já estávamos chegando ao meio dia. A dificuldade do caminho e a incerteza do trajeto, fazia a gente andar serpenteando. Este andar me lembrou o velho preto que nos recebeu, um andar fora do tempo, um andar anacrônico, correndo para trás, com minha mãe à frente. O desejo dela era rezar uma ave maria para os irmãos. Para ela, eles estavam ali do lado da pequena casa, do lado do chiqueiro sem porcos, presos às maliças, guardados pelo tempo.

A uma certa distância de mim, ela parecia incansável. Quando a alcancei, seu olhar de seguir em frente não a deixou perceber o quão distantes já estávamos um do outro.

- Isso aqui não é uma casa? Perguntei.

- Onde?

- Venha. Veja.

Não era a casa da sua infância, porém bem similar. Mínima. Destelhada. Tomada pelo mato. Casa que não mora gente quer voltar ao inorgânico. Fazer parte da cosmologia geraiseira.

Sobrou da casa um pequeno alpendre que dava para o tanque. Entrando, uma sala, com um estrado, do lado esquerdo uma cozinha, um fogão a lenha, uma porta que dava para outra área, de teto baixo que parecia fazer que entrasse prestar reverência. Do lado direito um quarto.

Mãe pára no portal, observa, pega o ar deixado pelo caminho.

- Não encontro nada. Esta casa é muito mais recente do que era a minha. Tudo aqui lembra a casa, mas não é a casa. A gente conseguia fechar todas as portas e janelas, deixando só a da cozinha aberta... Sempre aparecia um vento qualquer e apagava o fogo do fogão, mas refrescava a casa toda.

Dali do portal da porta eu conseguia sentir toda a sua decepção. Era uma rajada de realidade que a recolocou no prumo.

- Vamos embora. Por que acreditei que conseguiria encontrar esse lugar? Acreditar que 50 anos iam conservar uma casa de pau-a-pique...

O passado é uma coisa dupla-distante: Primeiro por estar lá, em uma era de nascimentos, onde o novo agora é visto com lentes de glaucoma. O outro duplo é por alongar distâncias: Quando somos jovens, todos os lugares são distantes. Somente depois de calejado o olhar, de observar várias árvores a ponto de nem percebê-las, o passado vai virando presente e

instante encurtado. Quantos quilômetros cabem em um instante? Os quilómetros andados a cavalo antigamente eram um outro mundo, instantes de lembrado.

O véu do lembrado lhe cobriu os olhos. O corpo dela parecia preso a lama como o do boi no tanque. Por um momento ficamos todos calados, somente respirando o lugar. O lembrado deixa impuro tudo que guarda, junta cacos de um hábito, da percepção de si, e deste esforço no sol de novembro do norte de minas e dá o lugar-cosmo.

Retornando, percebi nela uma certa vergonha, uma necessidade de se esconder por baixo da sombrinha. Talvez ficou triste por ter se entregado ao imprevisível. Sentiu-se invadida por uma espontaneidade infantil que não condiz com um corpo de 70.

- O pequeno cemitério tinha uma cerquinha pro gado não pisar, as covinhas eram pequenas, desse tamanho ó - mostrando com o braço - e lá os três corpos.

- Quer prestar uma homenagem a eles?

- Como? Não tem sepultura.

Procuramos uma sombra, de mãos dadas começamos uma oração. Vai ver agora estavam todos os mortos do passado lá, encontrando o presente, tocando a porteira fechada. Vai ver esta oração era um grito de liberdade, que avisa que mesmo com porteiras fechadas, com trancas, pernas servem para saltar. Eu estava feliz de ver alguém influenciada pelo desejo, guiada por três irmãos mortos e uma ave maria.

Vai ver memória é isso, ofuscar. Quarar o lembrado no sol.

MATULA GENEALÓGICA

ensaio fotográfico

Figura 01-06. *Matula Genealógica*. Davidson Xavier.
Registro autoficcional, dimensão variável, 2021.

Figura 02-06. *Matula Genealógica*. Davidson Xavier.
Registro autoficcional, dimensão variável, 2021.

Figura 03-06. *Matula Genealógica*. Davidson Xavier.
Registro autoficcional, dimensão variável, 2021.

Figura 04-06. *Matula Genealógica*. Davidson Xavier.
Registro autoficcional, dimensão variável, 2021.

Figura 05-06. *Matula Genealógica*. Davidson Xavier.
Registro autoficcional, dimensão variável, 2021.

Figura 06-06. *Matula Genealógica*. Davidson Xavier.
Registro autoficcional, dimensão variável, 2021.

Artista: Rondinelli Linhares

Da série *Porque há o direito ao grito. Então eu grito.* 2020/2022.
Marcador e nanquim sobre papel. 20x20 cm